

GALERIA ASTREIA

mário bueno

pinturas de 1965 - 1970

inauguração dia 7 de abril de 1971 às 21 horas

Nossos artistas mais originais são instintivos. No período deste meio século de modernidade vivido pelas nossas belíssimas artes, de Tarcila a Cícero Dias, a Grassman, a Wega — ressoa autêntico o verso desse tropicalíssimo pernambucano “êlé aprendeu sem se ensinar”. A originalidade da pintura tão brasileira de Mário Bueno, tão triste numa terra radiosa, está em que êle, que aprendeu sem se ensinar, tirou da reflexão atuante sôbre o seu contemporâneo humano — dividido, atomizado — uma temática. Se a pintura passou pela abstração, pelas bandeiras descoloridas, ela chegará breve aos manifestos e aos figurantes — não há ordem cronológica nas citações. O que importa é notar que são feitos aos pedaços figurantes e manifestos, e que a carne que se estraçalha, na guerra de todos os dias, foi gente que no involuntariado da vida conheceu o jardim das delícias deste século de torturas. Logo, as bandeiras descoloridas, empalidecidas na verdade das panópias em que o artista as recolheu, fazem a legenda amargosa do “tempo dos assassinos”. Manifestos, panfletos em que vibram peças, pedras atiradas à voragem que proscreeu o amor, e na ante-sala os pedaços das mutilações são piedosamente recolhidos. A pintura de Mário Bueno é uma reflexão à margem de um conflito. Espanta como tenha ele aprendido tanto sem se ensinar — processo de concientização a que chegou por via de montagens, colagens, compartimentos.

Uma séria contribuição esta, sem declamações — aqui já secaram o sangue derramado, a lágrima evaporada, a coagulação da dor. Fica apenas o documento transfigurado na vivência da arte: figurantes, panfletos, manifestos.

Geraldo Ferraz